

Celso Furtado Essencial¹

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Professor Titular do Departamento de Ciências Econômicas e Relações internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS e Diretor do Centro Internacional Celso Furtado

Trata-se de obra com seleção de capítulos de livros e artigos de Celso Furtado organizada pela jornalista e viúva do autor, Rosa Freire D’Aguiar. Como esta afirma na apresentação, “toda coletânea tem um quê de subjetividade”. A presente pretendeu, através de trinta e dois trabalhos de Furtado e em mais de 500 páginas, permitir ao leitor uma visão abrangente de seu pensamento através de quatro seções: trajetórias (de cunho autobiográfico), pensamento econômico (divido entre teoria e história), pensamento político e a última, intitulada “Cultura, Ciência, Economistas”, com artigos variados sobre esses temas.

O resultado não poderia ser melhor, a contar que a qualidade da matéria-prima, como se sabe, influi decisivamente para o gabarito do produto final. Fica visível, no conjunto da obra, a razão de Furtado ter-se tornado o mais importante pensador do estruturalismo cepalino. Se este teve como marco inicial o “manifesto de Havana” de Prebisch (1949), com a denúncia da deterioração dos termos de intercâmbio, foi com Furtado que o pensamento cepalino incorporou a teorização mais profunda sobre o subdesenvolvimento e suas causas, rompendo com a barreira da disciplinaridade ao avançar na relação entre economia, história, sociologia, antropologia, ciência política e cultura. Seu contato aos 25 anos com o continente europeu, ao participar da FEB em 1945, relata, permitiu-lhe constatar que a realidade brasileira não era imutável. O “atraso” de que falavam outros intérpretes do Brasil poderia ser revertido: o mundo não era uma fatalidade nem havia cabimento em interpretar seus problemas como fruto de determinismo racial, biológico ou climático. Nascia, assim, a principal teorização do desenvolvimentismo latino-americano. A noção de subdesenvolvimento construída por Furtado alicerçou-se em causas histórico-estruturais e, ao contrário do pensamento então predominante, não o concebe como uma etapa, pois tenderia a se reproduzir - e não a ser superado - se nada fosse feito. Como objeto social, o subdesenvolvimento poderia ser revertido.

Coerente com tal eixo teórico, fica visível nos textos selecionados a forte inter-relação entre o mesmo e seu trabalho como economista, como na CEPAL, na SUDENE e nos ministérios que presidiu (Planejamento e Cultura). Salienta-se, também, a vasta gama de fontes teóricas na qual se abebera, muitas vezes de raízes filosóficas conflitantes.

¹ Publicado em: *RUMOS*, Associação Brasileira de Instituições Financeiras de Fomento, Rio de Janeiro, set/out 2013, n. 271, p. 52-53.

Há aquelas que ele mesmo arrola (positivismo, Marx, a “sociologia americana”, Gilberto Freyre, Karl Mannheim, Pirenne). Mas há outros autores cuja leitura influenciaram sua formação (Schumpeter, a tradição marshalliana de Cambridge, como Keynes e Kaldor, a tradição histórica alemã, como List, Sombart e Max Weber) e os coevos com quem dialoga (Prebisch, Hirschman, Perroux, Myrdal), dentre outros. Sabe-se que o ecletismo teórico resultante da mistura de *approaches*, assim como as coletâneas, também corre lá seus riscos epistemológicos. Furtado, todavia, consegue amarrar cada um no seu lugar, imputando a todos sua razão de ser. Ao contrário da tendência acadêmica predominante em economia de perfilhar-se em uma matriz teórica e morrer com ela, o pluralismo sem preconceitos de fontes evidencia que, para Furtado, autor relevante era aquele que lhe ajudava entender a realidade latino-americana e, em especial, a sociedade brasileira. Reconhecia, portanto, a complexidade do objeto e sua primazia sobre o método, postulado negado pelas ortodoxias em seus vários matizes, sempre prontas ao formalismo e a firmar saberes “que se bastam”, fechados em si mesmos.

Dentre trabalhos extraídos de livros bastante difundidos (mas que podem servir de ante-sala aos leitores de primeira viagem), outros menos conhecidos enriquecem a obra, como “Entre o inconformismo e o reformismo”(publicado inicialmente em *Pioneers in Development: Second Series. Washington: Oxford University Press, 1987*), um dos raros que permitem antever com clareza sua tão controversa ideologia. As agruras de seu reformismo, num contexto polarizado pela Guerra Fria, fazia de Furtado um espécime bastante singular na intelectualidade latino-americana e internacional. Numa época em que a direita pregava claramente o golpismo e associava o nacional-desenvolvimentismo a populismo e a comunismo, dando ensejo a ditaduras, e a esquerda desdenhava da possibilidade de qualquer transformação dentro dos marcos políticos da “democracia burguesa”, Furtado era uma das poucas vozes a acreditar na democracia e a repelir qualquer forma de autoritarismo. Como antes, muitos continuam a negligenciar seus trabalhos: a globalização e as mudanças das últimas décadas, argumenta-se, o teriam desatualizado. Entretanto, o mesmo bom senso que alerta ao fato de que as alternativas para superação dos problemas devam ser repensadas e atualizadas, deve também lembrar que estes, a rigor, ainda perduram. Enquanto continuar a existir o que Furtado sintetizava como subdesenvolvimento - desigualdades regionais e pessoais na distribuição de renda e da riqueza, heterogeneidade estrutural, baixa produtividade, defasagem tecnológica, indicadores sociais pífios – parece improvável que suas reflexões possam ser desprezadas. E, é claro, não gerem polêmica e desconforto.